

Luciano Silva Façanha*, Flávio Luiz de Castro Freitas**,
Jamys Alexandre Ferreira Santos***

Possível relação entre filosofia e literatura: considerações sobre a leitura de Gilles Deleuze sobre a obra de Franz Kafka

RESUMO

A proposta do presente texto consiste em explicitar a natureza da relação entre filosofia e literatura no capítulo 1 *Kafka: por uma literatura menor* (1975), intitulado de "Conteúdo e Expressão", cuja autoria é de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Para tanto, postulamos que filosofia e literatura estão relacionadas por meio de um movimento que expõe o exercício de uma filosofia do desejo. O exercício de uma filosofia do desejo preconiza que o mesmo é tanto um processo quanto um procedimento.

Palavras-chave: Filosofia; Literatura; Deleuze; Kafka; Desejo.

ABSTRACT

The proposal of this text is to explain the nature of the relationship between philosophy and literature in chapter 1 *Kafka: by a minor literature* (1975), entitled "Content and Expression", authored by Gilles Deleuze and Felix Guattari. To that end, we postulate that philosophy and literature are related by means of a movement that exposes the exercise of a philosophy of desire. The exercise of a philosophy of desire advocates that it is both a process and a procedure.

Keywords: Philosophy. Literature. Deleuze. Kafka. Desire.

* Doutor e Professor de Filosofia da UFMA, Email: lucianosfacanha@hotmail.com

** UFMA, Email: f_lcf@hotmail.com

*** UFMA, Email: santosjamys@gmail.com

A relação entre filosofia e literatura não é algo novo nas pesquisas em ciências humanas. São vários os trabalhos que relacionam essas disciplinas possibilitando conceitos da uma a partir da outra, ou mesmo a comparação de ideias possíveis entre ambas. Deste modo, tomamos a oportunidade de tentar contribuir com mais uma possível condição de leitura entre a filosofia e a literatura.

Concentramos a base de nosso estudo, principalmente, em alguns momentos do texto *Kafka: por uma literatura menor* (1975), de Deleuze e Félix Guattari (1930-1992) e *Crítica e clínica* (1993), somente produzido pelo primeiro. A nossa tentativa é em explicitar a natureza da relação entre filosofia e literatura no capítulo I *Kafka: por uma literatura menor* (1975), intitulado de "Conteúdo e Expressão". Assim, propomos que filosofia e literatura estão relacionadas por meio de um movimento que expõe o exercício de uma filosofia do desejo, o qual é, num mesmo movimento, processo e procedimento.

Ponderações sobre um possível recorte na filosofia de Gilles Deleuze

Para iniciar um estudo da filosofia de Deleuze é importante um recorte cronológico e conceitual na divisão temática do autor. Podemos delimitar ao menos três tipologias do conjunto da obra deleuzeana. A primeira (I) em *Carta a um crítico severo*, de 1973, onde Deleuze divide sua obra, primeiramente, nos estudos dos autores que se opuseram, segundo ele, à tradição racionalista da história da filosofia. Em seguida, nos livros *Diferença e repetição*, de 1968 e *Lógica do sentido*, de 1969 e, por fim, na produção com Guattari.

A segunda tipologia (II) está na entrevista *Sobre a filosofia*, de 1988 onde se encontra a divisão em três períodos iniciados com os trabalhos de história da filosofia, depois a produção com Guattari, onde Deleuze a intitula como a construção de *Uma filosofia* e, o terceiro período em que o autor trata de pintura e cinema. Por fim, uma terceira classificação (III) feita pelo autor em 1989 estando em nota de rodapé da introdução de *A ilha deserta*¹, uma compilação de textos de Deleuze publicados entre 1953 e 1974.

Percebemos que Deleuze, na segunda e terceira tipologias, não se volta apenas para as filosofias das mais diferentes épocas, mas também às ciências, as artes e a literatura. Nesses últimos domínios são encontrados os conceitos de "perceptos" e "afectos" – estudos de sensações e devires que abarcam principalmente a arte. (DELEUZE, 2013, p. 175).

Nessas tipologias apresentadas, existe um lugar especial para o estudo da obra de Kafka que se encontra na produção em comum com Guattari e nos estudos sobre perceptos e afectos, mais especificamente nas obras *Kafka: por uma*

¹ Na nota de rodapé, na introdução do livro *A ilha deserta*, está descrito da seguinte forma: "Em 1989, Deleuze retomou e classificou o conjunto dos seus trabalhos, incluindo os livros, segundo uma série de temas gerais: I. De Hume a Bergson / II. Estudos clássicos / III. Estudos nietzscheanos / IV. Crítica e clínica / V. Estética / VI. Estudos cinematográficos / VII. Estudos contemporâneos / VIII. Lógica do sentido / IX. O anti-Édipo / X. Diferença e repetição / XI. Mil platôs" (LAPOUIADE, 2004, p. 7).

literatura menor, Crítica e clínica e em alguns momentos do *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2^o*.

Kafka nasceu na cidade de Praga, pertencente na época ao Império Austro-Húngaro e que hoje conhecemos por ser a República Tcheca. Um dado que, em um primeiro momento pode parecer trivial, mas mais adiante entenderemos a importância deste para os conceitos deleuzeanos.

Muito já se comentou sobre quase toda a obra desse escritor ser publicada postumamente: contos, novelas, romances e diários escritos em alemão compõem sua produção que o levou a ser um ícone literário surpreendente. Sua obra foi pouco conhecida e estudada quando o autor ainda era vivo, mas seu amigo e testamentário Max Brod (1884-1968) nos “presenteou” com as publicações póstumas que se tornaram objetos de estudo até os dias de hoje.

A natureza hermética da escrita kafkiana permite diversificadas leituras e interpretações causando, em muitos momentos, retraimentos argumentativos de críticos e especialistas das ciências humanas quando se trata de um estudo semântico. Mas, no pensamento de Deleuze, conceitos como “literatura menor”, “des-territorialização” e “agenciamento”, que ainda são produtos de controvérsias na história contemporânea se encontram em vários momentos na obra do escritor.

Os conceitos de Deleuze são fundamentados em variadas atividades do pensamento: produções filosóficas, obras literárias, artísticas e mesmo nas realizações científicas. Seu sistema se caracteriza pela leitura filosófica dos estudos de outros teóricos em diversificados domínios do pensamento. Assim, para Deleuze, pensar filosoficamente é criar; inovar no ato de filosofar a partir dos outros campos do pensamento.

Ficou evidente que dentre as tipologias apresentadas da obra deleuzeana, todas mantêm em comum um período inicial que trata de estudos de outros filósofos. Uma investigação conceitual além de um procedimento histórico, mas uma tentativa de Deleuze construir seu “espaço ideal” determinando sua proposta diferencial de investigação.³

Essa busca de conceitos para a construção de um espaço ideal do pensamento é dada quase que exclusivamente no momento inicial da filosofia de Deleuze. Obras anteriores a *Diferença e repetição* e *Lógica do sentido* que se constituem por releituras de pensadores como Friedrich Nietzsche (1844-1900), Henri Bergson (1859-1941), Baruch Espinoza (1632-1677), dentre outros, deram-lhe

² O livro *Mil platôs* é o segundo tomo de *Capitalismo e Esquizofrenia* que se iniciou com o livro *O anti-Édipo* (primeiro tomo), ambos escritos por Deleuze e Guattari. Os *platôs* foram publicados na França em um único volume. Diferentemente aconteceu no Brasil que foram publicados, com o consentimento dos autores e da editora francesa, em cinco volumes.

³ Deleuze, em alguns momentos de suas entrevistas, afirma ser esse procedimento semelhante a uma “enrabadá”. Uma espécie de subversão diferencial ao processo pertinente de fazer filosofia a partir da história: “[...] Mas minha principal maneira de me safar nessa época foi concebendo a história como uma espécie de enrabadá, ou, o que dá o mesmo, de imaculada concepção. Eu me imaginava chegando pelas costas de um autor e lhe fazendo um filho, que seria seu, e no entanto seria monstruoso. Que fosse seu era muito importante, porque o autor precisava efetivamente ter dito tudo aquilo que eu lhe fazia dizer. Mas que o filho fosse monstruoso também representava uma necessidade, porque era preciso passar por toda espécie de descentramentos, deslizes, quebras, emissões secretas que me deram muito prazer”. (DELEUZE, 2013, p. 14-5)

novas formulações de conceitos como: “imanência”, “multiplicidade”, “atual”, “virtual”, “substância” e etc.

É importante entendermos o procedimento diferencial de criação de conceitos como um “pensamento geográfico” e não, como já dito, procedimento histórico. Ou seja, Deleuze não trata de refletir sobre um determinado sistema filosófico, mas prioriza neste alguns conceitos e reformula-os.⁴

O pensamento de Deleuze não é somente uma das filosofias da diferença em meio a corrente pós-estruturalista da França, tendo como fundamento os conceitos de imanência, fluxo ou virtualidade. Pois, é importante entendermos essa filosofia partindo de um pressuposto do próprio conceito de “fundamentação”, como base para esse sistema.

Como afirma Lapoujade (2014), o pensamento de Deleuze não é uma filosofia do Um ou do Múltiplo, do pensamento da imanência ou da ontologia do fluxo. Esses são conceitos de outros sistemas que delimitaram o “trajeto” para o próprio Deleuze fazer filosofia. Seu sistema de investigação está na natureza ou no fundamento dos movimentos que atravessam a matéria e a vida, o acontecimento ou a história da sociedade.

Deste modo, o conceito é criado em um campo diversificado de investigação. Os elementos extraídos dos mais variados domínios do pensamento se articulam e se relacionam criando zonas de vizinhança, na perspectiva do pensador. O autor cria suas concepções advindas de um campo exterior que não está concentrado somente na filosofia. Aceitar essa exterioridade é ceder à potência da criação pela multiplicidade de um campo imanente e pré-subjetivo a filosofia.

É assim que Deleuze vai buscar na literatura condições para apreender seus conceitos em filosofia, afirmando seu sistema a partir de outras disciplinas. Em *Kafka: por uma literatura menor*, Deleuze e Guattari propõem novos conceitos e significações para o “combate” político contra a crítica psicanalítica na diversificada obra de Kafka. E, em *Crítica e clínica*, estão vários textos que Deleuze, ao longo de alguns anos, trabalhou a relação de sua filosofia com a literatura a partir de vários autores, inclusive de Kafka.

Apresentamos, então, uma determinada literatura que produz uma linguagem “reinventada” baseada em uma nova técnica de escrita. Novos meios de significação que fomentarão o espaço literário como espaço clínico, legitimando, assim, a arte literária como produtora de novas “linhas de fuga” para o pensamento que antes fora limitado pela política ou pela psicanálise.

A escrita literária e a produção de sentido

Diante disso, se inicia o processo de legitimação da literatura para a filosofia de Deleuze. A proposta de novas condições que determinam a literatura

⁴ É importante o cuidado para não confundir o conceito “pensamento geográfico” com o de “cartografia”, indicado por Deleuze e Guattari. No primeiro, Machado (2009, p. 21) caracteriza ser o procedimento usado por Deleuze na construção de seus conceitos. O segundo é um conceito apresentado por Deleuze e Guattari para as pesquisas de campo voltadas para os estudos da subjetividade. Sobre a “cartografia” há uma análise detalhada em *1933 – Micropolítica e segmentaridade*, texto pertencente a *Mil platôs – capitalismo esquizofrenia 2*, de 1980.

como uma das disciplinas que abarcam características necessárias para a criação conceitual.

A arte literária para Deleuze tratará de afirmar a heteronomia do pensamento, trazendo consigo uma potência criadora da linguagem. Heteronomia como uma ideia que possibilita o ato de pensar em consequência de diversos grupos ou coletividades apresentadas pela própria literatura.

A potência literária se estabelece a partir de uma determinada contraposição à representação⁵ possibilitando novas formas de significação. Escritores como Herman Melville (1819-1891), Walt Whitman (1819-1892), Lewis Carroll (1832-1898), Marcel Proust (1871-1922), D. H. Lawrence (1885-1930) e o próprio Kafka compõem a gama de escritores que, para Deleuze, criam e afirmam a potência de um novo estilo de escrita.

É uma tentativa do surgimento de um “novo” estilo literário, inédito e indeterminado que leva às novas experimentações linguísticas. O procedimento de Deleuze, nesse contexto, se torna autêntico, não somente por se justificar como uma criação vinda de outra disciplina, mas pela genuinidade de leitura e escrita proposta por esse procedimento. Assim, a partir de Deleuze (2011, p.9), entendemos um estilo diferencial de analisar os acontecimentos a partir da escrita:

[...] o escritor, como diz Proust, inventa na língua uma nova língua, uma língua de algum modo estrangeira. Ele traz à luz novas potências gramaticais ou sintáticas. [...] Mas o problema de escrever é também inseparável de um problema de *ver* e de *ouvir*: com efeito, quando se cria uma outra língua no interior da língua, a linguagem inteira tende para um limite “assintático”, “agramatical”, ou que se comunica com seu próprio fora.

A essas “contradições” impostas na nova língua, se permeia um aspecto de transitividade, pois, a obra literária possibilita afirmar algo que ainda virá e passará, assim, todo o acontecimento. Desta maneira, Deleuze estabelece uma coerência na interpretação literária concatenada à sociedade. Ou seja, um devir na escrita que percorre o espaço legitimado pelo autor na obra.

A linguagem excede seus limites e a ruptura, o engajamento ou a luta que há na literatura capta as forças existentes na vida, ou no mundo, afirmando sua objetividade crítica (e, como um resultado, clínica) libertando a vida de uma prisão e traçando linhas de fuga. Ou seja, a arte literária cria novos “devires”. (DELEUZE, 2011, p. 9).

Assim, nos cabe que:

Não se trata apenas de diagnóstico. Os signos remetem a modos de vida, a possibilidades de existência, são sintomas de uma vida transbordante ou esgotada. Mas um artista não pode se contentar com uma vida esgotada, nem com uma vida pessoal. Não se escreve com o seu eu, sua memória e suas doenças. No ato de escrever há a tentativa de fazer da vida algo mais que pessoal, de liberar vida daquilo que a aprisiona. (DELEUZE, 2013, p. 183).

⁵ No texto *Diferença e repetição*, de 1968, Deleuze descreve de forma detalhada sua crítica a “representação” como condição para o conceito de “diferença”. Nesse seu momento de produção intelectual, há uma importância determinante para sua filosofia que estava sendo “primeiramente” apresentada naquele escrito.

É importante, nesse momento, apresentarmos o que Deleuze considera por "leitura em intensidade". Seria o interstício entre a leitura e escrita criado por Deleuze a partir de sua leitura da filosofia nietzschiana. Ele legitima o seu procedimento, não somente de escrita e criação conceitual afirmado pelo "fora", mas também, o resultado de seus argumentos "originais" assentados por outras disciplinas.

Para que aconteça a criação de novos devires é importante um ambiente propício, um pano de fundo que delimite seu próprio espaço de personalização. É necessário um campo de intensidades que permite a literatura a aceitar a multiplicidade que a compõem:

[...] O nome como apreensão instantânea de uma tal multiplicidade intensiva é o oposto da despersonalização operada pela história da filosofia, uma despersonalização de amor e não de submissão. Falamos do fundo daquilo que não sabemos, do fundo de nosso próprio subdesenvolvimento. Tornamo-nos um conjunto de singularidades soltas, de nomes, sobrenomes, unhas, animais, pequenos acontecimentos [...]. (DELEUZE, 2013, p. 15).

É quando se escreve por suas palavras, mas está fundamentado nos afetos e experimentações que podem ser buscados e legitimados fora do texto em questão. Há uma busca em outras metodologias e disciplinas do pensamento e, também, fora do próprio texto que está sendo ali construído. Seria a legitimação da identidade original através do processo de despersonalização e da afirmação das singularidades vindas do fundo do que não se sabe.

Mas, essa criação de devires se dispõe a favor de quem ou de quê? Contra o que se faz necessário romper os limites apresentados? Qual a necessidade de produção de linhas de fuga pela arte literária?

Deleuze (2011, p. 162), afirma uma doutrina do julgamento existente desde a Grécia Antiga até a Filosofia Moderna que limita os campos de existência para com uma dívida infinita. Deste modo, são os devires propostos que combaterão de forma antagônica a "doutrina do juízo"; são as formas de existência na literatura que conduzirão a luta contra essas instâncias.

[...] a lógica do juízo se confunde com a psicologia do sacerdote como inventor da mais sombria organização: quero julgar, preciso julgar... Não se trata de fazer como se o próprio juízo tivesse sido diferido, adiado para amanhã, postergado ao infinito. Ao contrário, é o ato de diferir, de levar ao infinito, que torna o juízo possível: este recebe sua condição de uma relação suposta entre a existência e o infinito na *ordem* do tempo. Àquele que se atém a essa relação é dado o poder de julgar e de ser julgado. (DELEUZE, 2011, p. 163).

Diante da perspectiva deleuzeana do juízo ser atribuído a modernidade, a partir de uma continuidade de um juízo original decorrido desde a antiguidade, se possibilita um elo argumentativo na literatura de Kafka. Pois, é na obra *Kafka: por uma literatura menor* que estão os conceitos intermediários entre a obra *O anti-Édipo*, de 1972 e *Mil Platôs*, de 1980. Assim, nessas "nuances" conceituais, Deleuze (2011, p. 166) afirma que: "Há somente juízo, e todo juízo incide sobre um juízo. Talvez *Édipo* prefigure esse novo estado no mundo grego".

As fugas são responsáveis pela quebra dos padrões literários possibilitando a criação a partir da escrita. Elas não serão linhas objetivas e determinadas, mas fluxos intensivos necessários que afirmam o diferencial de uma determinada estrutura.

Deste modo, passamos a entender como Deleuze encara o desejo como responsável por novas condições de criação. O que ele afirma por juízo, mais adiante ele afirmará como "lei", limitação ou norma. Assim, Deleuze e Guattari (2015, p. 109) afirmam:

[...] Esses dois estados coexistentes do desejo são os dois estados da lei: de uma parte a *Lei transcendente paranoica* que não cessa de agitar um segmento finito, de fazer dele um objeto completo, de cristalizar aqui e ali; de outra parte a *lei esquizo imanente*, que funciona como uma justiça, uma antilei, um "procedimento" que vai desmontar a Lei paranoica em todos os seus agenciamentos.

A desmontagem da lei paranoica vem, nesse sentido, como produto de novas criações. Criações que estão inseridas no estilo literário e coexistem, somente, em seu estágio de produção e quebra de comedimento das normas da escrita.

A obra de Kafka como literatura menor

Franz Kafka já foi tema de incontáveis análises na atividade literária e filosófica. Livros, teses e as mais variadas pesquisas já tiveram seus escritos, e até mesmo o próprio autor, como tema. Nesses entrecruzamentos de interpretações, há na filosofia de Deleuze uma recepção original. Talvez, não tão aceita devido ao seu singular procedimento de fazer filosofia, mas por insólitos apontamentos que constituam inauditas produções sistemáticas a partir da literatura. O autor não abandonará conceitos como "absurdo", "existência vazia", "burocracia", "alienação", dentre outros tão comuns à obra de Kafka, mas os direcionarão para outros fins.

A linguagem literária, evidenciada na obra de Kafka diverge dos campos comuns da escrita. São novos campos de experimentação intensivos, não simplesmente atados à técnica e à composição que concatena o pensamento à palavra, mas sim produções assintáticas e agramaticais, como afirmados por Deleuze e Cabível, também, ao comentário de Blanchot (1997, p. 20):

Estranha atividade esta: se visa a uma finalidade medíocre (por exemplo, a elaboração de um livro bem-feito), ela exige um espírito atento ao conjunto, aos detalhes, cioso da técnica, da composição, consciente do poder das palavras, mas se ela visa a algo mais elevado (por exemplo, o próprio sentido da nossa vida), então ela consideraria o espírito livre de todas essas condições e se realizaria por uma completa negligência do que constitui, no entanto, sua própria natureza? Observemos que essa idéia da literatura, entendida como uma atividade capaz de se exercer sem considerar seus meios, não é um simples sonho; ela tem um nome conhecido: é a escrita automática; mas justamente esta forma permaneceu ignorada por Kafka.

Ou, como diz Anders (2007, p. 15):

Aqui entramos em Kafka. A fisionomia do mundo kafkiano parece *deslucada*. Mas Kafka *deslucou* a aparência aparentemente normal do nosso mundo louco, para tornar visível sua loucura. Manipula, contudo, essa aparência louca como algo normal e, com isso, descreve até mesmo o fato louco de que o mundo louco seja considerado normal.

Tanto as considerações feitas por Blanchot (1997), como por Anders (2007), diferem em muitos aspectos na e da literatura de Kafka. É importante considerarmos tal fato, pois, essas leituras ainda delimitam propostas estruturais sobre a escrita do autor. Mas, no caso de Deleuze e Guattari, se evidencia a originalidade na descrição da afeição kafkiana refletida na própria escrita.

Deleuze faz constantes menções à literatura de Kafka em vários de seus livros, mas é na obra com Guattari que o escritor ganhou maior destaque. Em *Kafka: por uma literatura menor* é apontada a ideia experimental da potência da minoração e, também, se encontra a desvinculação de uma obra literária direcionada apenas para uma interpretação.

A criação na escrita kafkiana deu condições suficientes para firmar conceitos deleuzeanos que ainda passavam por processos de transição. Assim, Deleuze e Guattari (2015, p. 39) caracterizam a literatura menor como:

As três características da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ligação do individual no imediato-político, o agenciamento coletivo de enunciação. É o mesmo que dizer que “menor” não qualifica mais certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida).

Então, os três alicerces definidos para a literatura menor são: “desterritorialização”, a ligação de um pré-sujeito a “política” e o “agenciamento coletivo de enunciação”. Cabe nesse momento a descrição de cada atributo apresentado pelo filósofo.

A literatura dita “menor” não é formulada a partir de uma linguagem alheia ou impossibilitada, mas por ser uma minoria formada dentro de uma língua maior. Kafka faz do alemão sua língua de expressão literária (afirmando sua singularidade) e apresenta a estranheza diante a língua dominante⁶.

O alemão de Praga vem a ser a língua desterritorializada. Ou seja, escrever para os judeus de Praga em alemão se constitui como um ato que se distancia da territorialidade primitiva tcheca. Deste modo, a literatura menor não é necessariamente uma língua menor, mas o que a minoria faz na posição da língua maior dominante (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 35-6).

Na literatura menor todos os casos se delimitam a partir de uma condição política. Ou seja:

[...] seu espaço exíguo faz que cada caso individual seja imediatamente ligado à política. O caso individual torna-se, então, mais necessário, in-

⁶ Kafka era tcheco e o país encontrava-se, no momento de sua produção literária, em território do Império Austro-Húngaro. Então, sendo o alemão língua oficial do império o escritor se encontrou diante o cruzamento de várias línguas. Deleuze e Guattari se propuseram a tomar tal acontecimento como um impulso para afirmar a minoração da língua nativa de Kafka diante uma língua maior.

dispensável, aumentado ao microscópio, quanto toda uma outra história se agite nela. (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 36).

A individualidade tende a unir-se a outras individualidades. Ou a individualidade se junta a outros meios sociais formando um grande emaranhado de repetição de outros casos em um mesmo ambiente ou pano de fundo que envolve o mesmo acontecimento.

Quando é sugerida por Deleuze e Guattari uma ligação política desses casos individuais, eles “alteram” a escrita de outra literatura para assim salvaguardá-la a novas condições de minoração possibilitando a ideia de movimento ou mesmo de devir. Resulta-se, assim, uma “enuncação coletiva” e não “enuncação individual”.

[...]. Não há sujeito, há apenas agenciamentos coletivos de enuncação – e a literatura exprime agenciamentos, nas condições em que eles não estão dados fora dela, e em que eles existem somente como potências diabólicas porvir ou como forças revolucionárias a construir. A solidão de Kafka o abre a tudo o que atravessa a história hoje. A letra K não designa mais um narrador nem um personagem, mas um agenciamento tanto mais maquínico, um agenciamento tanto mais coletivo quanto mais um indivíduo se encontre a ele ligado em sua solidão (é apenas com relação a um sujeito que o individual seria separável do coletivo e conduziria sua própria tarefa). (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 38).

A literatura, deste modo, se torna uma máquina revolucionária constituída como linha de fuga. Percebe-se o desdobramento da escrita como resultado de algo além do sujeito, ou mesmo da figura do próprio escritor, mas de uma coletividade pautada por agenciamentos maquínicos.

Sobre as possíveis interpretações e mediações das ideias extraídas por Deleuze e Guattari da obra de Kafka, resta à afirmação dos devires como novos modos de existência. Os devires se caracterizam como movimentos de desterritorialização que proporcionam resistir das condições dominantes que limitam a produção criativa: a imagem do pensamento⁷, micro fascismos, a estrutura inconsciente apresentada pela psicanálise⁸ e, também, o conceito de representação, apresentado anteriormente.

Diante disso, a “política” apresentada por Kafka não é de categoria simbólica ou imaginária, nem fantasmagórica ou estrutural. O que há na escrita do tcheco são máquinas e experimentações que não se interpretam, nem se dão significados, mas apenas protocolos de experiência (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 16).

A questão sugerida por Deleuze e Guattari é afirmar a potencialidade de uma nova linguagem literária em perspectiva política. No caso do estudo da obra de Kafka, um olhar político diante de um povo alheio, limitado e submisso a pre-

⁷ A “imagem do pensamento” já foi caracterizada por Deleuze em *Nietzsche e a filosofia* (1962), *Proust e os signos* (1964), *Diferença e repetição* (1968) e na entrevista *Sobre a filosofia em Conversações* (1990). O autor tenciona, de forma detalhada, em alguns desses textos, uma ruptura com essa imagem do pensamento em detrimento de um pensamento sem imagem, formulando os pressupostos para sua filosofia da diferença.

⁸ Em *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I*, de 1972, Deleuze e Guattari apresentam novas condições da representação a partir do inconsciente. Potências do desejo e máquinas desejantes coadunam os argumentos dos autores nesse texto marcando novas condições para a filosofia da diferença deleuzeana.

ceitos conceituais psicanalíticos. Na minoração e na desterritorialização estarão os recursos para o combate e a desestabilização dos poderes constituídos.⁹

Deleuze e Guattari discriminam a posição do escritor em torno da política; definem Kafka como uma máquina ou homem experimental. Não propriamente como homem que quer encontrar a forma máquina ideal, mas sim escapar ou fugir da forma máquina dominante.

[...] Uma máquina de Kafka é, portanto, constituída por conteúdos e expressões formalizados em graus diversos como por matérias não formadas que nela entram, dela saem e passam por todos os estados. Entrar, sair da máquina, estar na máquina: são os estados do desejo, independentemente de toda interpretação. A linha de fuga faz parte da máquina. No interior ou no exterior, o animal faz parte da máquina-toca. O problema: de modo algum ser livre, mas encontrar uma saída, ou bem uma entrada, ou bem um lado, um corredor, uma adjacência, etc. (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 17).

É importante entendermos esse conceito de “máquina de expressão” não alicerçado em uma forma estrutural de escrita a partir de um conteúdo, ou expressão. A literatura menor propõe a desorganização de suas próprias formas de conteúdos liberando sua materialidade intensiva:

[...] começa por enunciar, e só vê e só concebe depois [...]. a expressão deve quebrar as formas, marcar as rupturas e as ligações novas. Uma forma estando quebrada, reconstruir o conteúdo que estará necessariamente em ruptura com a ordem das coisas. (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 57-58).

A literatura menor de Kafka é composta pelas cartas, as novelas e os romances:

[...] os três elementos da máquina de escrita ou de expressão, enquanto se definem por critérios interiores e de modo algum por um projeto de publicação. As cartas e o pacto diabólico; as novelas e os devires-animais; os romances e os agenciamentos maquínicos. Entre esses três elementos, sabemos que há constantemente comunicações transversais, em um sentido e no outro. [...] Não se acreditará por isso que a única linha vá do vivido das cartas ao escrito das novelas e dos romances. O caminho inverso existe também, e não há menos de escrito e de vivido de um lado e de outro. (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 75).

Mas existe, nessa linha, o risco do desmoronamento, ou evasão, que se apresenta como um impasse caracterizado nas novelas kafkianas. Ou seja, mesmo as tentativas de desterritorialização encontrarão barreiras impostas pela psicanálise.

Nesse momento, é importante um olhar atento ao procedimento de construção conceitual de Deleuze citado anteriormente. Não são os momentos de “fuga” das fundamentações do “Édipos”, mas variações e criações a partir desse conceito. O Édipo, caracterizado por causar a neurose, vem ser submetido pelo

⁹ Na relação menor/maior não há uma dialética de tipo hegeliano onde o menor objetiva uma inversão se pondo no lugar do maior. Basta não desvincularmos da ideia de um devir na imanência a um devir da transcendência para que podemos, dessa forma, afirmar a sustentação do menor diante o maior. O menor exige seu espaço, seu lugar diante sua condição de criação. (DOSSE, 2010, p. 204)

próprio desejo. O Édipo é valor mercantil da neurose, mas a proposta é fazer dele o próprio uso perverso, ampliá-lo e aceitá-lo:

[...] Abrir o impasse, desbloqueá-lo. Desterritorializar Édipo no mundo, em lugar de se reterritorializar sobre Édipo e na família. Mas, para isso, era preciso ampliar o Édipo ao absurdo, até o cômico, escrever a Carta ao pai [...]. (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 24).

A desterritorialização do Édipo, a partir de *Carta ao pai* (1953) de Kafka, faz aceitar a literatura como uma clínica, ou mesmo o escritor como um médico. O Édipo que antes era dado como uma neurose, agora é visto como um procedimento clínico. A doença vem a se designar como interrupção de um processo, um combate ao combatente. E, a contradição imposta na língua e na literatura de Kafka, se constitui como uma condição para o tratamento, um diagnóstico determinado pela linguagem literária.

[...] Por isso todas as obras de Kafka poderiam receber o título de "Descrição de um combate": combate contra o castelo, contra o juízo, contra o pai, contra os noivos. Todos os gestos são defesas ou mesmo ataques, esquivas, paradas, antecipações de um golpe que nem sempre se vê chegar, ou de um inimigo que nem sempre se consegue identificar. (DELEUZE, 2011. p. 169).

Não são simples modos de escrita ao que não pode ser pôr em palavra falada. Não é escrever para calar, mas aceitar a literatura como novos modos de existência diante de limitações e micro fascismos que impedem maneiras de existir.

Como pode a existência se empenhar totalmente no cuidado de ordenar certo número de palavras? É o que não está bem claro. Mas admitamo-lo. Admitamos que para Kafka escrever não seja uma questão de estética, que ele tenha em vista, não a criação de uma obra literalmente válida, e sim a sua salvação, a realização dessa mensagem que está em sua vida. (BLANCHOT, 1997, p. 20).

A condição de existência não é autossuficiente. É necessária a produção e a criação (literária) para a salvação que apresenta novas fugas à própria vida. Assim, consideramos os novos paradigmas existenciais na literatura que não se limitam apenas a atributos assintáticos ou agramaticais, mas um escrito vigente como ensejo para esses modos de existência.

O juízo, citado anteriormente, impede os possíveis modos de existência. Existir e não julgar corresponde à proposta filosófica deleuzeana. Deste modo, o escritor, médico de si e do mundo, possibilita na inovação da linguagem literária (minoritária) e eventual a existência do combatente diante da doutrina do juízo.

Posto isso, entendemos que capítulo I do texto *Kafka: por uma literatura menor*, intitulado de *Conteúdo e Expressão*, tem por objetivo desenvolver o seguinte problema: a partir da obra de Kafka, de que maneira o desejo é processo e procedimento?

A hipótese apresentada por Deleuze e Guattari postula que o desejo é processo e procedimento na medida em que constitui máquinas políticas e experimentais. Para tanto, o ponto de partida consiste em conceber a obra de Kafka como um rizoma, cujo traço marcante é o princípio das entradas múltiplas, o qual

preconiza que inicialmente é possível entrar por qualquer parte da obra, visto que nenhuma entrada exerce privilégio sobre a outra. O passo seguinte busca estabelecer as conexões entre a entrada escolhida e os outros pontos existentes, sem deixar de destacar os caminhos tomados para atingir às conexões, descrevendo o mapa do rizoma durante o efetivo exercício dessa busca:

Entrar-se-á, então, por qualquer parte nenhuma vale mais que a outra, nenhuma entrada tem privilégio ainda que seja quase um impasse, uma trincheira estreita, um sifão, etc. Procurar-se-á somente com quais outros pontos conecta-se aquele pelo qual se entra, por quais encruzilhadas e galerias se passa para conectar dois pontos, qual é o mapa do rizoma, e como ele se modificaria imediatamente se se entrasse por um outro ponto. O princípio das entradas múltiplas impede, sozinho, a entrada do inimigo, o Significante, e as tentativas para interpretar uma obra que apenas se propõe, de fato, à experimentação. (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 9-10).

Além disso, o rizoma¹⁰, por meio do princípio das entradas múltiplas, realiza a crítica do Significante, impedindo que a obra de Kafka seja alvo de interpretação e, com isso, assegura a experimentação. A linha argumentativa desenvolvida por Deleuze e Guattari apresenta a conexão entre forma/conteúdo e forma/expressão como porta de entrada para a máquina ou para algumas máquinas que compõe a obra de Kafka. Assim, existem dois tipos de relações entre forma/conteúdo e forma/expressão que correspondem, respectivamente, a dois conjuntos distintos de características do desejo.

A primeira relação entre forma/conteúdo e forma/expressão é constituída pela conexão entre cabeça curvada/retrato-foto, a qual corresponde a um desejo bloqueado, submisso ou submissor, dotado de poucas conexões, neutralizado e marcado pela lembrança de infância e territorialidade. A segunda relação entre forma/conteúdo e forma/expressão é resultado da conexão entre cabeça erguida/som musical, cujo desejo correspondente se ergue, possui várias conexões, detém um bloco de infância ou bloco animal voltado para desterritorialização.

Ocorre que além da conexão entre forma/conteúdo e forma/expressão, bem como da oposição entre as formas que correspondem aos dois conjuntos de características do desejo, Deleuze e Guattari elucidam que existe outro componente da máquina de Kafka. Esse componente é a pura matéria sonora intensa ou matéria não formada de expressão, a qual não é uma música organizada que faz oposição à forma do desejo submisso ou à forma do desejo aberto às novas conexões.

A pura matéria sonora intensa é o som musical desterritorializado da forma em conexão com sua própria abolição, ou seja, é o grito que foge da significação, da composição e da conexão com palavras, justamente por ser informe ou disforme. Processo de linha de fuga que busca uma saída:

O que interessa a Kafka é uma pura matéria sonora intensa, sempre em conexão com sua própria abolição, som musical desterritorializado, grito que escapa à significação, à composição, ao canto à palavra, sonoridade

¹⁰ Em 1976, o rizoma é inserido, explicitamente, na discussão sobre a imagem do pensamento. Nesse contexto, o rizoma está ligado também à teoria das multiplicidades. Cf. DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Os Mil Platôs*. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2000..

em ruptura para se desgarrar de uma corrente ainda demasiado significativa. No som, só a intensidade conta, geralmente monótona, sempre assignificante. (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 14).

Por fim, filosofia e literatura estão relacionadas por meio do exercício de uma teoria do desejo, o qual é processo ou procedimento na medida em que ele constrói máquinas através de suas conexões. Essas máquinas são dotadas de forma/expressão e forma/conteúdo em sentidos diversos, pois há ligações restritas e territorializadas da ordem da submissão e vínculos múltiplos e diversificados da ordem da desterritorialização, mas nenhum desses ainda é o último componente da máquina, que é sua matéria sonora intensa, a qual existe para produzir intensidades e realizar conexões heterogêneas isentas de forma.

Considerações finais

A proposta central do presente texto foi trazer algumas considerações sobre essa leitura, ou seja, compreender em que medida filosofia e literatura podem ser relacionadas no exercício de uma teoria do desejo. Para cumprir tal objetivo, apresentamos a filosofia de Deleuze através de seu procedimento diferencial de fazer filosofia a partir de outras filosofias e, também, de outras disciplinas. Uma apresentação de extremo cuidado devido à filosofia deleuzeana se apropriar de termos recorrentes de outras filosofias e, assim, não a mantermos apenas em um argumento recorrente na história.

No segundo momento do texto, tentamos descrever a necessidade da literatura, em geral, para a filosofia deleuzeana. De como existe criação na escrita dentro de moldes "inéditos" na forma dita pelo autor como "assintática" e "agramatical". Criação pela literatura como fuga e quebra de um juízo procedido de outras determinações que limitam os modos de existência.

É uma tarefa um tanto laboriosa compreender os argumentos descritos em *Kafka: por uma literatura menor*. A proposta não se tratava exatamente disso, mas entender como a literatura kafkiana, a partir de sua originalidade na composição escrita e ideal do escritor, pode colaborar para a filosofia deleuzeana. Deleuze extraiu, alicerçou e divulgou conceitos que delimitaram a literatura menor a partir de um processo que coadunasse novos modos de existência. Da desterritorialização da língua a política e da política aos enunciados coletivos, foi possível compreender as razões palpáveis para entender como o devir está implícito na produção filosófica deleuzeana.

Os novos modos de existência estão em constante movimento possibilitando sempre um desmembramento criativo em outras formas de pensar. O sujeito serve de passagem para algo maior, levando-o a um coletivo que legitima um pensamento independente. E, assim, fica evidente como o próprio devir utiliza esses processos para se constituir: tanto no fazer filosofia por um procedimento alheio a história do pensamento ocidental, como na arte literária que, por processos ainda não aceitos pela crítica, produz novas fugas para legitimação de uma determinada obra. Portanto, filosofia e literatura estão relacionadas através de um laborioso exercício do desejo enquanto processo e procedimento.

Referências bibliográficas

ANDERS, Gunther. *Kafka: pró & contra – os autos do processo*. 2. ed. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

BLANCHOT, Maurice. Kafka e a literatura. In: _____. *A parte do fogo*. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

LAPOUJADE, Davi. Introduction. Les Mouvement Aberrants. In: DELEUZE, Gilles. *Mouvements Aberrants*. Paris: Munuit, 2014.

_____. Apresentação. In: _____. *A ilha deserta e outros textos*. Org. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2004.

DELEUZE, Gilles. *Conversações, 1972-1990*. 3. ed. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 2013.

_____. *Crítica e clínica*. 2. ed. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução, Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____. *Os Mil Platôs*. v. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2000.

DOSSE, François. A literatura “menor” sob um olhar cruzado. In: DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Biografia Cruzada*. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010.

KAFKA, Franz. *Carta ao pai*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MACHADO, Roberto. A geografia do pensamento. In: DELEUZE, Gilles, *a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2009.